

científica no campo da Antropologia, é sem dúvida valioso estímulo à pesquisa, pois motiva grande interesse pelo estudo da cultura dos diversos grupos tribais amazônicos.

Alfonso Trujillo Ferrari

MIGUEL LAYRISSE e JOHANNES WILBERT: *El Antígeno del Sistema Sanguíneo Diego*. 160 págs., tabelas e ilustrações no texto e 1 mapa fora do texto. Fundación Creole y Fundación Eugenio Mendoza. Editorial Sucre. Caracas, 1960.

Da trajetória da imuno-hematologia a partir da descoberta do sistema sangüíneo ABO por Landsteiner, em 1900, até hoje, bem como das possibilidades reais contra as expectativas excessivamente otimistas com que alguns antropólogos físicos viram neste ramo da Biologia um substituto eventual, ou mesmo necessário, da Antropometria, desde que, em 1914, Hirszfild e Hirszfild demonstraram as variações dos grupos sangüíneos em populações de origem diferente, tratam os AA. à guisa de introdução e de esclarecimento da posição que assumem nesta colaboração genético-antropológica.

Embora o presente trabalho tenha por objetivo a apresentação do antígeno Diego e das perspectivas que se abrem à sua utilização como elemento da determinação de relações genéticas entre populações, os AA. aproveitam o assunto para fazer dêle uma introdução didática de noções básicas de genética, dos vários sistemas sangüíneos até hoje identificados e bem estabelecidos, sua hereditariedade e distribuição, e terminam apresentando a classificação racial que W. C. Boyd elaborou em 1956, com base nos sistemas ABO, MNSs, Rh e Duffy. A esta classificação, bem como a outras estabelecidas em bases mais "tradicionais" recorrem os AA. com freqüência, considerando os grupos sangüíneos como meros *colaboradores* na classificação da espécie humana e reconhecendo a impossibilidade de chegar-se simplesmente por critérios serológicos, sem outros recursos da Antropologia Física, a uma caracterização racial (p. 66). Levando ainda mais longe a colaboração do antropólogo (Wilbert) com o serologista (Layrisse), apelam para os aspectos sócio-culturais que possam ter significação no diagnóstico de parentesco entre populações, "utilizando os traços culturais das tribos estudadas não somente na identificação de cada tribo, como também para procurar entender, até onde possível, as variações dêste antígeno (Diego)" (p. 86).

O referido antígeno, cuja descoberta teve como ponto de partida a aparição de uma doença hemolítica do recém-nascido no terceiro filho de um casal venezuelano, foi mencionado pela primeira vez, em 1954, numa publicação na qual Levine, Koch, McGee e Hill passavam em revista os grupos sangüíneos pouco freqüentes, apontando entre êles um novo antígeno eritrocitário denominado "Diego" ("Rare human isoagglutinins and their identification", *Amer. J. Clin. Path.*, 24: 292). Considerado de início como antígeno privado por estar ausente em 200 pessoas da população de New Jersey, verificou-se depois, quando foram examinados índios sul-americanos, que êstes eram portadores dêle numa freqüência de até 46%.

Na Venezuela, os estudos a seu respeito datam da publicação do trabalho de Layrisse, Arends e R. D. Sisco "Nuevo grupo sangüíneo encontrado en descendientes de índios", *Acta Med.*, Venez., 3: 132 (1955), e de então para cá são inúmeros os trabalhos dêsses autores, aos quais se junta a colaboração de Wilbert.

Os AA. passam em revista os estudos de genética relativos a êle e levados a cabo até o momento da publicação, comentando, separadamente, seu histórico, características serológicas, nomenclatura, hereditariedade, independência dos sistemas de grupos sangüíneos bem estabelecidos, dos fatores "privados" ou "familiares" e, finalmente, dos antígenos públicos.

E' no capítulo "Distribución del Antígeno Di^a" que os AA. revelam a aplicação que pretendem dar à sua colaboração, estendendo a contribuição do antropólogo para além do campo da Antropologia Física. Assim é que esclarecem: "Para classificar uma tribo como Caribe, seguimos a classificação lingüística, isto é, são Caribe aquelas tribos cuja linguagem pertence à família lingüística Caribe. No caso dos Guayqueri, dos quais se desconhece a língua original, os classificamos aqui como Caribe baseando-nos exclusivamente nos resultados genéticos" (p. 87). Por outro lado, a respeito dos Irapa, dizem: "Em outras palavras, os Irapa, embora lingüísticamente Caribe, não o são genéticamente" (p. 95).

Realmente, pelo cálculo de probabilidade de χ^2 (que se aplica em Biologia com o fito de saber se a variação de observações feitas em dois grupos difere ou se a variação de um a outro se deve unicamente ao acaso), os AA. chegam à constatação de que "a alta incidência do gen Di^a é uma característica genética das tribos Caribe, a qual não se modificou apesar do tempo transcorrido em sua separação" (p. 94). Concluem, também, que "os Caribe ao longo de suas extensas migrações, em que combateram e conquistaram muitas tribos de outras origens, não se mesclaram de forma profusa com índios não-Caribe" (*ibid.*). Finalmente, quanto aos índios Irapa, chegam à conclusão de que eles são genuinamente Caribe quanto à sua filiação lingüística (p. 96), mas não são genéticamente Caribe e originariamente não eram portadores do gen Di^a" (p. 97).

Estas citações bastam para mostrar o tipo de utilização que os AA. pretendem fazer dos grupos sangüíneos como critério-diagnóstico da delimitação dos grupos já identificados, principalmente do ponto de vista lingüístico, mas também econômico e estrutural.

No Cap. IV, "Aplicaciones del antígeno Di^a en antropología", ressaltam a convicção de que o antígeno acima "está destinado a desempenhar um papel importante nos estudos de populações mongolóides" (p. 123). Realmente, parece que o caráter genético mais importante deste gen é a exclusividade de sua distribuição: "é o único gen de grupo sangüíneo conhecido que, portado por indivíduo de raça mongolóide, se encontra ausente em caucasóides e negróides. Assim, pode-se perfeitamente chamá-lo de *gen-indicador exclusivamente mongolóide*" (págs. 123-124). Pretendendo utilizar a freqüência deste antígeno como critério de parentesco genético, os AA. passam a considerações sobre a sua presença em grupos asiáticos e oceânicos, revêem teorias relativas ao povoamento das Américas, lançam mão da distribuição dos outros grupos sangüíneos para colaborar em suas observações e levantam algumas hipóteses de trabalho, ao mesmo tempo que simplesmente expõem a sua perplexidade ante certas revelações (como, por exemplo, a ausência do gen Di^a entre os Esquimó). Assim, da comparação feita entre as populações aborígenes americanas, nas quais foi observada a presença do antígeno, verificam que existe uma correlação entre as características físicas dessas populações e a freqüência do "Diego": características físicas muito pronunciadas de modernos mongolóides asiáticos em aborígenes nos quais a freqüência do gen é muito baixa ou negativa; por outro lado, nas tribos com traços mongolóides pouco pronunciados, a freqüência do gen é muito elevada. Explicação: geralmente se aceita que os traços de modernos mongolóides asiáticos se desenvolveram em épocas relativamente recentes e que os primitivos mongolóides não os possuíam; nem tôdas as levas migratórias para a América eram portadoras do gen; o gen Di^a era portado em alta freqüência pelas primeiras migrações de mongolóides que chegaram à América. (Cf. págs. 130-131).

Percebe-se, pelo entusiasmo dos AA., que eles não abandonarão o filão que descobriram e que perseguirão uma porção de problemas e hipóteses que lançaram. Por

outro lado, apesar de fazer poucos anos que se iniciaram as pesquisas sobre o antígeno Diego, o número de publicações sobre sua incidência é considerável e já se conhece bastante a respeito de sua distribuição mundial. Segundo informa a presente publicação, numerosos antropólogos e serólogos dos cinco continentes demonstraram vivo interesse nos estudos de populações especialmente da divisão étnica mongolóide; no curso de 4 anos (1955-1959) apareceram cerca de quarenta comunicações a respeito e não menos de 30 instituições estão levando a cabo trabalhos em várias partes do mundo. (Mesmo no Brasil, já foram realizadas pesquisas entre os Mundurucu, Caingáng e Carajá, revelando o Di^a uma positividade de 12%, 17,32% e 36%, respectivamente.) Fazendo o levantamento de todo o material conhecido até o momento da publicação, os AA. auxiliam bastante uma visão de conjunto. Por outro lado, sem qualquer intransigência, apresentam as hipóteses alternativas às suas, como, por exemplo, a da perda do gen em virtude do isolamento em casos em que optaram por outra explicação (no dos Irapa, por exemplo). E, como não poderia deixar de ser em qualquer pesquisa científica, esperam por mais material que lhes permita prosseguir, confirmando ou infirmando hipóteses de tão grande importância para a compreensão da história dos grupos mongolóides em geral e do povoamento das Américas em particular.

Gioconda Mussolini

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA: *O Processo de Assimilação dos Terêna*. 166 págs., com fotografias. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1960.

Considerações de ordem extrateórica, por si só, bastariam para reservar um lugar de importância na etnologia brasileira ao trabalho de Roberto Cardoso do Oliveira. A preocupação em estudar uma comunidade indígena focalizando-a como parte de um problema mais geral — o da integração dos vários subgrupos que compõem a sociedade brasileira — faz de sua pesquisa uma peça de interesse não só para o especialista, mas para todas as pessoas que tomam conhecimento e que, de forma consciente, procuram participar do amplo processo de transformação em que o Brasil se encontra mergulhado. Como logo nos adverte o prefaciador, os Terêna, “cada vez mais abrasilizados”, encontram-se “a braços com os mesmos problemas sociais com que se defrontam as massas rurais e as populações urbanas mais pobres de Mato Grosso”. Dêse ponto de vista, quer se trate de índios ou de caipiras, de pequenas comunidades ou de minorias raciais, o problema, visto por uma perspectiva bastante compreensiva, será sempre o mesmo: o de conhecer áreas que se encontram desarticuladas do tipo de sistema social e econômico para o qual tendemos modernamente e de procurar descobrir os mecanismos capazes de promover a integração dessa nova sociedade. É essa, em última análise, a grave questão subjacente ao trabalho aqui considerado e que alarga sua área de interesse e repercussão.

Mas ao lado disso ele apresenta aspectos que interessam muito vivamente ao cientista social. Aparecem, especialmente nos capítulos finais, alguns problemas metodológicos que, sem dúvida, se inserem entre os mais importantes e controvertidos da literatura antropológica e sociológica.

As considerações que faremos em seguida giram em torno do tratamento que o autor dá ao conceito de *conduta*, instrumento que é central em toda a orientação de seu trabalho nos capítulos VI, VII e VIII. Logo no início do primeiro desses capítulos se indica que o conceito será utilizado na acepção de Nadel e empregado como “um conceito intermediário entre ‘sociedade e indivíduo’ e que opera ‘nesta área estratégica onde o comportamento individual torna-se conduta social’ (nota 157, pág. 99).